

## ICONOSCÓPIO: A HISTÓRIA DA TV

uarde este nome: *Vladimir Zworykin*.

A televisão foi criada graças às pesquisas de inúmeros cientistas, não se pode precisar quem, nem quando foi inventada. No século passado, de uma invenção a outra, o ritmo de desenvolvimento era acelerado. Novos recursos para a comunicação surgiam e eram rapidamente incorporados às descobertas: uma espécie de corrida científica e tecnológica.

Para entender como a televisão surgiu, é preciso viajar pelo passado, conhecer alguns cientistas e pesquisadores — homens que enxergavam longe, estavam à frente de seu tempo.

- 1817: *Jakob Berzelius*, um químico sueco, descobriu que a luz modificava a capacidade de um elemento chamado selênio. Ao permitir passar uma corrente elétrica, o selênio sofria alterações. Essa descoberta tem importância porque, mais tarde, iria abrir novos campos para a utilização da energia elétrica.

- 1838: *Samuel Morse*, pintor, editor e inventor americano, ao pesquisar o eletromagneto, teve a idéia do telégrafo — um meio de enviar mensagens através de linhas — fios — usando um código de sinais que acabou se tornando padrão internacional.

- 1873: um telegrafista irlandês, *Joseph May*, decide melhorar as transmissões telegráficas. Elas eram prejudicadas pelo entruaquecimento constante dos sinais. *May* pesquisa muito até que, utilizando o selênio, constrói uma resistência que transmite os impulsos elétricos com mais ou menos intensidade, dependendo da sua exposição à luz. Uma descoberta fundamental: era o princípio da célula

fotoelétrica que mais tarde seria uma das bases do sistema de transmissão na TV.

- 1879: um grupo de pesquisadores de Nova Jersey, liderados por *Thomas Edison*, testa um filamento de papel carbonizado que podia brilhar durante dias. Depois de muitas tentativas, *Edison* consegue criar uma lâmpada incandescente, durável e simples. A luz elétrica já existia, mas era trêmula e fraca. A lâmpada de *Edison* mudou a iluminação. Uma idéia que mais tarde evoluiria para as válvulas de rádio e televisão.

- 1880: o francês *Maurice Le Blanc* cria um sistema de projeção de imagens: imagens sucessivas apresentadas em uma certa velocidade davam a impressão de movimento. Nem é preciso constatar a importância disso! A partir dessa época, muitos pesquisadores já estavam envolvidos na corrida pela transmissão da imagem.

- 1884: um estudante alemão, *Paul Nipkow*, constrói um transmissor mecânico. Era um disco de ferro, com furos equidistantes, dispostos em espiral. Ao girá-lo, podia-se subdividir um objeto em pequenos pontos: em alta velocidade, os pontos se agrupavam e formavam (através dos furos) novamente a imagem do objeto. Esse transmissor mecânico, chamado de “disco de *Nipkow*”, fazia uma varredura dos pontos possibilitando a transmissão das formas.

Neste mesmo ano, *Heinrich Hertz* prova a existência das ondas eletromagnéticas e que elas poderiam ser medidas (é por causa de *Hertz* que as ondas de transmissão são chamadas “ondas hertzianas”).

- 1901: a partir da comprovação das ondas eletromagnéticas, o jovem italiano *Guglielmo Marconi* constrói um aparelho que codifica as ondas em sinais elétricos, permitindo a transmissão de mensagens sem usar fios através de antenas receptoras. Era o princípio do rádio.

Na União Soviética, *Boris Rosing* pesquisava tubos de imagem.

- 1920: o americano *Charles Jenkins* fabrica um disco perfurado onde ele captava e transmitia imagens. A milhares de quilômetros, o inglês *John Lodge Baird* consegue o mesmo feito, de maneira semelhante.



- 1923: *Vladimir Zworykin*, um russo naturalizado americano, inventa o íconoscópio — um tubo a vácuo com uma tela de células foto-elétricas. O íconoscópio faz, na verdade, uma varredura eletrônica da imagem e, até hoje, a base do olho da TV. Quatro anos mais tarde, *Zworykin* consegue transmitir imagens a uma distância de 45 quilômetros, utilizando o íconoscópio. Ele trabalhava para a empresa norte-americana RCA — Radio Corporation of America.
- Nessa mesma época, na Inglaterra, *John Baird* também faz uma demonstração de transmissão de imagem, e a BBC — British Broadcasting Corporation — o contrata para realizar transmissões regulares em caráter experimental.
- 1931: a RCA já tem sua antena e os estúdios da NBC — National Broadcasting Corporation — instalados no último andar do Empire State, em Nova York.
- 1935: a França constrói a sua antena no alto da Torre Eiffel, em Paris.
- 1936: na Inglaterra, a BBC coloca suas câmeras na rua e faz a transmissão da coroação do rei Jorge VI.
- 1939: nos Estados Unidos, a NBC transmite a inauguração da Feira Mundial de Nova York.

A televisão era uma realidade. Mas havia ainda um sério problema a resolver: o íconoscópio exigia uma quantidade exagerada de luz e, mesmo assim, a imagem reproduzida era deficiente. Foi *Vladimir Zworykin* que descobriu a solução. Ele desenvolveu a válvula *orthicon* um tubo de raios catódicos muito sensível). Adaptada à câmera, a válvula equilibrava a luz e melhorava a qualidade técnica da imagem. A partir de 1940, a TV se afirma: o sistema já era então totalmente eletrônico.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento da tecnologia da TV sofreu uma parada... Mas, entre o final dos anos 40 e o começo dos 50, a TV entrou na vida de praticamente todos os países e firmou como meio de informação e comunicação de massa. O espectador tinha a garantia da boa imagem e a indústria passou a se preocupar com os aperfeiçoamentos, que duram até os nossos dias...

As pesquisas para a transmissão de imagens em cores aconteceram antes mesmo da guerra, mas só foram viabilizadas a partir de 1951, com algumas transmissões experimentais nos Estados Unidos. Como os aparelhos de TV em preto e branco não eram adaptados para a transmissão em cores, os técnicos do National Television System Committee — NTSC nos Estados Unidos, começaram a estudar um sistema simultâneo compatível. Em 1953, descobrem o sistema de transmissão em cores, que denominado NTSC, é hoje largamente difundido.

A França adotou o sistema SECAM — Sequentiel en Couleurs et a Memore, criado pelo engenheiro Henri de France. A Alemanha optou por uma variação do NTSC denominado PAL (Phase Alternative Line). No Brasil foi adotado o PAL-M, que é o sistema colorido alemão compatibilizado com o padrão preto e branco norte-americano.

A diferença técnica entre esses sistemas consiste no processamento dos sinais elétricos da transmissão, mas o princípio básico é a combinação de duas transmissões de imagem, uma com os detalhes em preto e branco e outra com a justaposição em cor.

A história da tecnologia da TV tem outra reviravolta com a implantação das transmissões via satélite.

Girando a 36 mil quilômetros de distância da superfície da Terra, na mesma velocidade angular do nosso planeta, ou seja, dando uma volta completa a cada 24 horas, os satélites de comunicação chamados de geoestacionários permitem a comunicação instantânea entre vários pontos do solo. Eles recebem um sinal (de áudio, de vídeo, telefônico) transmitido de uma estação terrestre, e o amplificam e devolvem a qual-quer outra estação terrestre que se localize na sua área de abrangência. As antenas de recepção têm várias formas, e em pouco tempo nos acostumamos a ver aqueles pratos imensos apontados para o céu: as antenas parabólicas — na verdade, apontadas para os satélites de comunicação. Lançado em 1962, o satélite de comunicação Telstar I permitiu a primeira transmissão em caráter experimental entre os Estados Unidos e a Europa. É considerado o pioneiro dos satélites comerciais. Mas é o Early Bird, ou Intelsat I, lançado em 1965, que marca verdadeiramente o início da implantação de um sistema global de satélites geoestacionários de comunicação. O Intelsat I operou por cerca de três anos, cobrindo 40% da superfície terrestre em sua área de abrangência.

Para estabelecer as condições e controlar a utilização dos serviços comerciais dos satélites de comunicação foi criado um consórcio — o Intelsat — reunindo mais de cem países do Ocidente, entre eles o Brasil.



O Intelsat I foi o primeiro satélite comercial para uso em telecomunicações, e no mesmo ano — 1965 — a então União Soviética lançou o satélite Molnya 1 e formou um sistema de telecomunicação próprio, utilizado pelos países do bloco soviético: o Intersputnik.

A primeira transmissão via satélite, ao vivo, para o Brasil causou grande impacto nos telespectadores. Foi o lançamento da Apolo IX, em 3 de março de 1969, de Cabo Kennedy, Estados Unidos.

Meses depois, em 20 de julho de 1969, os brasileiros e o mundo se emocionariam: ao vivo e via satélite, um homem pisava na Lua pela primeira vez! Quem viu o astronauta *Neil Armstrong* descer da Apolo XI e dar aqueles pequenos passos na superfície lunar nunca mais esqueceu. Essa é a magia da imagem que a televisão amplia, difunde, populariza e eterniza para sempre.

O desenvolvimento de altas tecnologias na área de telecomunicações é ininterrupto: é um avanço permanente que, associado ao jornalismo, o transforma a todo instante. Com a integração dos sistemas de satélites de comunicação, o mundo da informação evoluiu tanto que passou a ser muito simples, fácil mesmo, acompanhar o que está acontecendo do outro lado do planeta, no momento em que está acontecendo.

Alguém poderia imaginar que ainda neste século o mundo assistiria pela TV uma guerra transmitida ao vivo e narrada por um repórter? Parecia ficção, mas era realidade: em 1991, Bagdá, a capital do Iraque, foi atacada pelos americanos durante a Guerra do Golfo Pérsico e os bombardeios foram mostrados nas imagens exclusivas da rede de TV norte-americana CNN — Cable News Network em *real time!*

### PRF-3: A TV NO BRASIL

Agora, vamos dar um tempo no mundo da tecnologia, que é indiscutivelmente fascinante, para voltar um pouco ao passado. Merece ser conhecida a história da chegada da TV ao Brasil. Uma história que tem como protagonista um homem polêmico, envolvente, ousado, mas sem dúvida um nordestino corajoso. Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo.

Em 1950, Assis Chateaubriand era o proprietário do que se pode considerar o primeiro império de comunicação do país: Diários e Emissores Associadas, uma empresa que incorporava vários jornais (*Diário da Noite*, *Diário de São Paulo*), revistas (*O Cruzeiro*) e emissores de rádio (Rádio Tupi). Uma empresa que cresceu e se desenvolveu a partir do momento em que o jovem jornalista, e futuro empresário, comprou, no Rio de Janeiro, em 1924, *O Jornal*. Chateaubriand, que chegara ao Rio vindo de Pernambuco, começou sua carreira no *O Correio da Manhã* em 1917.

Francisco era o segundo filho de um jovem casal que vivia em Umbuzeiro, na Paraíba. Ele nasceu em 4 de outubro de 1892 quando o pai era juiz municipal. Mas ainda pequeno, mudou-se com a família para Recife, Pernambuco, onde viveu até dar início a sua aventura no sul do país para tornar-se um dos homens mais poderosos do Brasil.

No começo dos anos 50, a indústria brasileira já se encontrava em processo de crescimento (sua consolidação aconteceu em meados da década), e os centros urbanos começavam a se transformar através da criação de uma infra-estrutura básica para o desenvolvimento: atividades comerciais, financeiras, de serviços e de educação estavam se expandindo. No plano político, os brasileiros viam Getúlio Vargas, eleito, substituir na presidência o general Eurico Gaspar Dutra.



O rádio, que no Brasil nasceu como um meio de comunicação de elite (em 1923, ano de sua instalação no país, os aparelhos receptores eram importados), já tinha se tornado uma coqueluche nacional, lançando sucessos e criando ídolos, entrava na fase final da chamada “época de ouro do rádio brasileiro”. Mesmo assim, era um importante veículo de comunicação de massa, com uma audiência mantida pela programação variada das emissoras, que incluía *shows*, esporte, noticiários, debates, novelas e programas de auditório ao vivo.

Nesse panorama, os Diários e Emissoras Associadas se voltaram para a TV. Em mais uma jogada aventureira, Assis Chateaubriand decidiu fazer os técnicos norte-americanos da RCA para implantar a televisão no Brasil. Importou também os equipamentos; uma antena foi instalada no alto do edifício do Banco do Estado de São Paulo para retransmitir as imagens que viriam dos estúdios montados no prédio dos Diários Associados.

Pouca documentação se tem dessa época, mas uma data marca a inauguração oficial da primeira emissora de TV no país: 18 de setembro de 1950. Nesse dia, entrava no ar a PRF-3 TV Difusora, depois TV Tupi de São Paulo. Primeiro canal 3, mais tarde canal 4 — a pioneira da América Latina.

Existem controvérsias quanto à primeira transmissão de imagens no Brasil. Em 1939, técnicos alemães já faziam algumas demonstrações, em uma feira de novidades, de um sistema de transmissão de imagens utilizando uma câmera e um receptor. Logo no começo da década de 1940, houve uma apresentação pública do sistema no Museu de Arte, em São Paulo. Em 1946, no Rio de Janeiro, a Rádio Nacional, então na sua fase áurea, fez algumas experiências e transmitiu imagens do programa *Rua 42*; técnicos franceses exibiram seus equipamentos, transmitindo o que acontecia no estúdio da Nacional para televisores instalados em locais determinados.

Ainda em 4 de julho de 1950, frei José Mojica, mexicano, ex-ator de cinema, foi o protagonista de uma transmissão em circuito fechado nas associadas: diretamente do auditório do Museu de Arte, apresentado por Homero Silva e Walter Forster, frei Mojica cantou para alguns poucos telespectadores privilegiados.

À parte essas experiências, os estúdios instalados no Palácio do Rádio, em São Paulo, foram cenário do primeiro programa da televisão brasileira no dia 18 de setembro de 1950, transmitido pela PRF-3 TV Difusora. Cassiano Gabus Mendes dirigiu um *show*, com artistas de su-

cesso, que tinha sido criado e escrito por Dermalva Costa Lima, diretor artístico. Mas, a estreia aconteceu com atraso... Segundo consta, uma das câmeras quebrou e o técnico norte-americano que orientava os trabalhos não estava no local naquele momento. Até que a situação fosse contornada, os telespectadores aguardaram cerca de 40 minutos. Como existam poucos televisores em São Paulo, Chateaubriand mandou instalar duzentos aparelhos em pontos de movimento da cidade, como a Praça da República, para que o público pudesse assistir ao acontecimento e comprovar a existência da televisão!

Então, *TV na Tabua*, o espetáculo de estreia, foi ao ar e, na base do improviso, durou quase duas horas. Cassiano Gabus Mendes comandou artistas como Mazzaropi, Walter Forster, Lia de Aguiar, Hebe Camargo, Lima Duarte, Wilma Bentivegna e Lolita Rodrigues, entre outros — estava dada a largada! A TV brasileira era uma realidade. Quatro meses depois, em janeiro de 1951, entrava no ar a segunda emissora do país, a TV Tupi do Rio.

Nos primeiros seis meses, a Tupi só tinha cinco horas de programação diária — das seis às onze da noite — que incluía, invariavelmente, filmes, espetáculos de auditório e noticiário. *Clube das Artistas*, *Imagens do Dia* e *TV de Vanguarda* (adaptação de peças de teatro) foram programas criados nesses meses de pioneirismo. *Clube dos Artistas* (Tupi do Rio e de São Paulo) e *TV de Vanguarda* (Tupi de São Paulo) resistiram durante vários anos e se tornaram pontos de referência na história da televisão brasileira.

Até o final da década de 1950, funcionavam as TVs Tupi, Record (1953) e Paulista (1952) em São Paulo; Tupi, Rio (1955) e Excelsior (1959) no Rio de Janeiro; Itacolomi (1956) em Belo Horizonte.

Nesses primeiros dez anos da TV brasileira, o aparelho de televisor ainda era um artigo de luxo. Em 1954, existiam 12 mil aparelhos no Rio e em São Paulo; em 1958, eram 78 mil em todo o país. A programação das emissoras seguia, então, uma linha de “elite”, com artistas e técnicos trazidos do rádio e do teatro. Entrevistas, debates, teleteatros, *shows*, música erudita eram as principais atrações.

Os programas radiofônicos ganharam sua versão em TV: humorísticos como *PRK-30*, *Balança mas não cai*; jornalísticos como *O Repórter* e de variedades como *Chacrinha*. E programas de gêneros variados foram criados pelas emissoras: *Câmera Um* (Tupi do Rio); *Noite de Gala*, com Flávio Cavalcanti (TV Rio); *Almoço com as Estrelas* (Tupi do Rio e de São Paulo); *O Céu é o Limite* (Tupi do Rio e de São Paulo); *TV Rio King*, um



programa de boxe (TV Rio), *Sítio do Papai Amarelo* (Tupi de São Paulo), *Teatro Cassio Muziz* (Tupi do Rio), *Música e Fantasia* (Tupi de São Paulo), *Paulistas e Cariocas*, uma ginástica entre os estados (Tupi do Rio e de São Paulo).

Com o tempo e o crescimento na produção, o preço dos televisores foi se tornando mais acessível e as emissoras foram se instalando em outros estados: a TV ampliava a sua área de penetração e começava a atrair as agências de propaganda e os anunciantes...

A televisão surgia como uma fórmula mágica para a venda de produtos — todos os produtos! Os anunciantes, antes tímidos, passam então a comandar as produções, e os programas começam a ter seus nomes associados ao do patrocinador: *Grande Cancana Kibon*, *Espetáculos Tomelax*, *Divertimentos Ducal*, *Cine Max Factor*, *Mappin Morietone*, *Bolche Royal*, *Santinas Mayzena*, *Concertos Martinis Mercedes Benz*, *Telebrama Três Leões*, *Teatro Valitta*, *Histórias Maravilhosas Bendix*...

Os anos 60 consolidam a TV no Brasil. Na disputa pelas verbas publicitárias, ela assume, definitivamente, o seu caráter comercial: começa a briga pela audiência! Uma briga que dura até hoje, cada vez mais acirrada, com lances e estratégias dignos de uma guerra.

Na década de 1960 chega ao Brasil a grande novidade: os equipamentos de videotape. A TV Tupi de São Paulo, a primeira emissora a utilizá-los, grava a festa de inauguração de Brasília — 21 de abril de 1960 — e exibe a gravação em várias cidades.

Estava instaurada a revolução do VT: operações atualizadas, racionalização da produção, economia de custo e de tempo, melhor qualidade nos programas. Nessa época, as primeiras máquinas de videotape tinham dois metros de altura e pesavam quase uma tonelada. As fitas de gravação tinham duas polegadas de largura. A TV Excelsior foi uma das primeiras emissoras a aproveitar o potencial que os recursos do videotape ofereciam. Em 1962, o programa *Chico Antisio Show*, dirigido por Carlos Manga, passou a ser gravado em videotape e as cenas se sucediam em uma seqüência de cortes e montagem inovadora para a época. E foi ainda o VT que deu o grande impulso às telenovelas...

A primeira novela da TV brasileira, ainda ao vivo, foi *Sua Vida merecete*, escrita e interpretada por Walter Forster, que a TV Tupi colou no ar em capítulos de 15 minutos, duas vezes por semana, em 1951.

A chegada do videotape permite às emissoras investirem mais nas telenovelas. A TV Excelsior lançou a primeira novela diária, *2-5499 Cicado*, com Glória Menezes e Tarcísio Meira, e partiu em seguida para

uma sucessão de títulos: *Ambigão*, *Redenção*, *A Muratiba*, *A Moça que Veio de Longe*, *A Deusa Vencida*. A TV Tupi de São Paulo não quis ficar atrás, e no final de 1964 produziu a primeira grande novela de sucesso: *O Direito de Nascer*, escrita pelo cubano Félix Caignet. O sucesso foi tão grande que a TV Rio retransmitiu a produção da Tupi paulista para os canoas.

Os anos 60 viram ainda nascer na TV brasileira os programas de auditório de grande repercussão e audiência. A TV Record explodiu com os musicais, entre eles *O Fino da Bossa*, com Elis Regina e Jair Rodrigues, e *Jovem Guarda*, com Roberto Carlos. Na TV Paulista, Sílvio Santos já apresentava *shows* populares e dividia, desde então, a audiência e o interesse dos telespectadores.

A TV Rio entrava na briga pela audiência com a produção de *shows* e programas humorísticos, entre eles, *Noites Cariocas*, *O Riso é o Limite*, *Praça da Alegria*, com Manoel da Nobrega (produção da TV Paulista, depois da TV Record — um dos maiores sucessos da TV brasileira, cuja fórmula permanece até hoje), *Mocir Franco Show*, *Chacrinha* e ainda a consolidação de *Noite de Gala*. A TV Excelsior, além das novelas, investia no *Chico Antisio Show*, *Teatro Nove*, *Times Square*, *Bibi Ferreira* e a série *Brasil 60*. Em 1963, a Excelsior contratou a maior parte do elenco da TV Rio e passou a disputar os primeiros lugares da audiência.

Em 1965, surge a emissora das Organizações Globo, do Rio de Janeiro. No dia 26 de abril, às 10h45 da manhã, entrava no ar a TV Globo, criada pelo jornalista Roberto Marinho, que se transformaria em uma das maiores redes de televisão do mundo.

A TV Globo começa com uma programação voltada para a linha popular (Chacrinha, Dercy Gonçalves, Raul Longras, e a partir de 1966 — quando compra a TV Paulista — Sílvio Santos) e, associada ao grupo norte-americano Time-Life, parte para a implantação do esquema de *network*, comprando ou contratando emissoras pelo país (as afiliadas) para expandir o seu sinal.

É nessa mesma época que se constitui a Embratel — Empresa Brasileira de Telecomunicações. A Embratel interliga o Brasil através de linhas básicas de microondas — rotas — e adere ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações — o *Intelsat*. Estava criada, então, a estrutura para as redes nacionais de televisão.

A TV Globo lançou o primeiro programa em rede nacional: às 19h56 do dia 1º de setembro de 1969 entra no ar o *Jornal Nacional*, feito no Rio



e retransmitido ao vivo, via Embratel, para as emissoras da rede, mostrando imagens de várias cidades brasileiras que haviam sido geradas para a sede no Rio de Janeiro, via satélite.

As outras emissoras começavam a enfrentar situações difíceis e o momento era favorável para a arrancada da TV Globo.

Em São Paulo, a Record e a Bandeirantes (criada em 1967), abaladas por incêndios, tiveram suas produções prejudicadas. A Record partiu então para uma programação baseada em filmes americanos. A Bandeirantes experimentou produções de música popular brasileira, de boa qualidade mas de pouca audiência. E a Tupi, já em dificuldades financeiras, lançou um grande sucesso — *Beito Rockeller*, de Bráulio Pedroso, considerada um marco na história da telenovela brasileira pela inovação na linguagem e na interpretação. A Excelsior, ao completar dez anos, tem a sua concessão cassada pelo governo. O Grupo Simonsen, que a havia criado, enfrentava problemas com o regime militar instaurado em 1964.

É, porém, consolidada que a TV brasileira entra nos anos 70 sob regras impostas pelo governo militar: é a fase da censura prévia ao conteúdo de programas de todos os gêneros. Até mesmo Chacrinha e Dercy Gonçalves sofrem o veto da censura e a TV Globo os tira do ar.

Em 1972, o momento de um avanço tecnológico: começa a era da cor na televisão brasileira. A primeira transmissão em cores no Brasil foi realizada pela TV Difusora de Porto Alegre, em março — a inauguração da Festa da Uva, pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, em Caxias, no Rio Grande do Sul. Em janeiro de 1973, vai ao ar a primeira novela em cores: *O Bem Amado*, de Dias Gomes, produzida pela TV Globo.

É ainda na década de 1970 que a televisão brasileira passa por uma mudança importante. As emissoras criam a *programação nacional* — uma mesma programação (inclusive faixas de horário) para a emissora-sede todas as outras que pertencem à sua rede. Define-se então a penetração dos padrões do eixo Rio-São Paulo em todo o país, uma vez que as redes das redes se concentravam nessas cidades.

A TV Globo — já líder de audiência — lança mais um programa em rede nacional: o *Fantástico*, o *show da vida*, uma revista semanal, apresentada no início da noite dos domingos, recheada de entretenimento informativo, para competir com o programa de Flávio Cavalcanti, agora a Tupi, realizado nos estúdios do Cassino da Urca, no Rio, e gerado para as emissoras da Rede Tupi.

No final dos anos 70, o empresário Sílvio Santos ganha uma emissora de TV, no Rio de Janeiro. Em 1976, ele sai da TV Globo, e começa a produzir seu programa dos domingos na TV Tupi de São Paulo, retransmitindo-o pela TV5 (Rio).

Em 1977, a TV Rio, que já estava vivendo uma fase de declínio desde o aparecimento da TV Globo, foi tirada do ar pelo governo, repleta de dívidas. Ainda no final da década, ao mesmo tempo que suspende a censura prévia, o governo militar permite a "abertura". E a criatividade na televisão começa a ressurgir...

A Tupi lançou o programa semanal *Abertura*, criado por Fernando Barbosa Lima. Com muitas novidades, o programa trazia entrevistas, música, reportagens, e a presença da câmera ousada e inventiva do cineasta Glauber Rocha. Na Globo, a abertura trouxe o aparecimento das *Séries Brasileiras*, onde a realidade e a ficção caminhavam lado a lado em programas como *Mala Mulher*, *Carga Pesada*, *Plantão de Polícia*... As *Séries* foram o embrião das *Minisséries*: seriados compactos em torno de um tema, com os quais a TV Globo confirma seu "padrão de qualidade" nos anos 80.

Em julho de 1980, chega ao fim a história da primeira emissora do país: por causa de problemas financeiros, a Rede Tupi de Televisão é cassada pelo governo. E suas emissoras são divididas por dois grupos empresariais — Sílvio Santos e Adolfo Bloch. Em 1981, a TV5 passou a integrar o SBT — Sistema Brasileiro de Televisão. Com uma programação bem popular, o SBT consegue, rapidamente, atingir altos índices de audiência em determinados horários. A Rede Manchete de Televisão (grupo Bloch) é inaugurada em junho de 1983, com uma programação diferenciada por documentários e programas criados por produtoras independentes.

Na primeira metade da década de 1980, as *Minisséries* globais se tornam a grande novidade da TV brasileira, principalmente os seriados que foram adaptados da literatura nacional: *Morte e Vida Severina*, *Lampião e Maria Bonita*, *Grande Sertão: Veredas*, *O Tempo e o Vento*. São produções sofisticadas, caras e de excepcional qualidade que popularizam os grandes escritores brasileiros.

A Rede Manchete dá espaço para as produções independentes e conquista uma parcela do público que se interessa por programas fora do padrão habitual: *Conexão Internacional*, *Xingu*, *Pantanal*, *Japão*, *Antártida*, da Intervídeo, e *Conexão Nacional*, da Metavídeo. Isoladamente, outras emissoras arriscam e abrem a programação para as criações de



produtoras independentes. *Moradia Independente*, da TVDO, na Rede Bandeirantes; *Limite do Homem*, da Manduri, na TV Record; *Abril Vídeo*, da TV da Editora Abril, na TV Gazeta (SP), a série *Jaqueta*, da Artvídeo, no SBT; *Cry-Ré*, da Olhar Eletrônico, na TV Gazeta (SP).

No final dos anos 80, o SBT se torna o vice-líder de audiência da TV brasileira, exibindo uma programação essencialmente popular. Nesse panorama, surge um projeto audacioso para a TV de Sílvio Santos: a criação de um telejornal sereno e de credibilidade para atrair os formadores de opinião e mudar a imagem da emissora. O *Telejornal Brasil* introduz a figura do âncora no telejornalismo brasileiro, que, embora consagrada nos modelos dos telejornais norte-americanos, ainda não existia por aqui. O jornalista Bóris Casoy, apresentador e editor-chefe do telejornal, comenta e opina sobre algumas reportagens: O *TJ Brasil* se contrapõe ao *Jornal Nacional*, que permanece na liderança da audiência, mas o *TJ Brasil* consegue imprimir sua marca e leva as emissoras a reformular o formato de seus telejornais.

Na década de 1990, não é mais surpresa na TV brasileira habituais transmissões ao vivo de eventos esportivos, de acontecimentos do outro lado da Terra, a divulgação de imagens fortes, históricas, marcantes. O telespectador brasileiro se acostuma com a televisão, cria o hábito e sabe que encontra informação e entretenimento. Com a implantação da TV por assinatura, as grandes redes de TV aberta começam a perceber que têm novos desafios pela frente para manter a audiência. As ofertas de canais variados, nacionais e estrangeiros, programações específicas e o apelo da globalização mudam o panorama do mercado nesse fim de década.

É um momento divisor em torno do mercado. Estratégias são revisadas; algumas emissoras enfrentam momentos difíceis, e em crise passam a ser alvo fácil de fortes grupos religiosos; em outras, a solução passa pelo aparecimento de vários programas de auditório de estilos semelhantes, sensacionalistas e apelativos, que discutem em público a privacidade das pessoas; talk-shows, os debates e programas de entretentistas, também surgem ao lado de grandes reportagens, sempre prendendo menos recursos gastos e mais popularidade. É uma época marcada pelo vale-tudo para as emissoras brasileiras em nome da conquista de pontos nos índices de audiência.

## O telejornalismo no Brasil

O primeiro telejornal da TV brasileira foi *Imagens do Dia*, e nasceu junto com a TV Tupi de São Paulo, em 1950. Mas o primeiro telejornal de sucesso, sinônimo de telejornalismo no Brasil, foi *O Repórter Esso*, que estreou em 1953 também na Tupi e ficou no ar por quase 20 anos. O *Jornal Nacional*, da Rede Globo, é o que está no ar há mais tempo, desde 1969, e é, até hoje, líder de audiência no horário.

Alguns telejornais que são pontos de referência nessa história:

*Imagens do Dia* — estreou em 19 de setembro de 1950, um dia depois da inauguração da TV no Brasil, na TV Tupi de São Paulo. Com locução em off, um texto em estilo radiofônico, pois o rádio era o modelo que se tinha na época. Entrava no ar entre as nove e meia e dez da noite, sem qualquer preocupação com a pontualidade. O formato era simples: Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e algumas notas tinham imagens feitas em filme preto e branco, sem som. *Imagens do Dia* ficou no ar pouco mais de um ano, quando foi substituído pelo *Telenotícias Panair*, um telejornal pontual que ia ao ar às nove e meia da noite mas que durou pouco.

*O Repórter Esso* — TV Tupi São Paulo e Rio, 1953 a 1970. Nos primeiros tempos da TV brasileira, como os anunciantes compravam os espaços, os programas recebiam o nome do seu patrocinador, como é o caso desse telejornal lançado em 17 de junho de 1953, em São Paulo, dirigido e apresentado por Kallil Filho. No ano seguinte, os caricocas ganhavam a sua versão, com Gontijo Teodoro. Os dois eram conhecidos locutores de rádio, mas já começavam a esboçar uma linguagem e uma narrativa mais televisiva, o texto era objetivo, o apresentador enquadrado no plano americano e tinha horário fixo para entrar no ar, oito da noite. A abertura do noticiário ficou famosa: “Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história.” O *Repórter Esso* foi um dos programas de maior sucesso da história da televisão brasileira.

*Edição Extra* — o primeiro telejornal do horário vespertino. Apresentado por Maurício Loureiro Gama, na Tupi de São Paulo, lançou o primeiro repórter de vídeo da TV brasileira, José Carlos de Moraes, o Tico-tico...

*Jornal de Vanguarda* — estreou na TV Excelsior, Rio, em 1962, passou pelas TVs Tupi, Globo, Continental e Rio, quando foi retirado do ar pela censura em 1968. Criado pelo jornalista Fernando Barbosa Lima, inovou porque trazia vários locutores (entre eles, Cid Moreira) e co-



mentaristas, um visual dinâmico e um jornalismo que abandonava o estilo radiofônico. Em 1963, recebeu na Espanha o Prêmio Ondas de melhor telejornal do mundo.

*Shea de Notícias* — TV Excelsior, São Paulo, 1963 a 1964, dirigido pelo jornalista Fernando Pacheco Jordão, com a mesma linha inovadora do *Jornal de Vanguarda*.

*Jornal Nacional* — primeiro noticiário em rede nacional da televisão brasileira, gerado no Rio de Janeiro, sede da TV Globo, para as suas emissoras em vários pontos do país, ao vivo, através de um sistema da Embratel que associava a emissão por microondas e por satélite. Criado por uma equipe comandada pelo jornalista Armando Nogueira, estreou em 1.º de setembro de 1969 e é o mais antigo telejornal no ar. Foi o primeiro a apresentar reportagens em cores; o primeiro a mostrar imagens, via satélite, de acontecimentos internacionais no mesmo instante em que eles ocorriam. O estilo de linguagem e narrativa e a figura do repórter de vídeo tinham os telejornais americanos como modelo. Implantando os avanços tecnológicos e modificando sua linha editorial de acordo com as circunstâncias, mantém, ainda hoje, a liderança de audiência.

*Bom Dia São Paulo* — a experiência de um telejornal em horário matutino surgiu como uma forma de prestação de serviço. De segunda a sexta, às 7:00h da manhã, estreou em 1977, na TV Globo de São Paulo, utilizando pela primeira vez, no jornalismo diário, o equipamento de UPI — unidade portátil de jornalismo, com repórteres entrando ao vivo de vários pontos da cidade, transmitindo informações de serviço para o paulistano como tempo, trânsito, movimentação da cidade, aeroportos etc. Em pouco tempo, as praças e emissoras afiliadas da Rede Globo implantaram o *Bom Dia Praça*, no mesmo horário matutino e regionalizado. A característica comunitária desse telejornal permanece até os dias de hoje.

*TV Mulher* — programa jornalístico dedicado à mulher, apresentado nas manhãs de segunda a sexta-feira, lançado em 1980 na TV Globo de São Paulo, ficou seis anos no ar. Consagrou como apresentadora de TV a jornalista Marília Gabriela, e mostrava pela primeira vez o debate de assuntos e temas que normalmente não eram tratados abertamente na televisão: comportamento sexual, direitos e saúde da mulher. Com bons índices de audiência para a faixa de horário (de 8:00h às 11:00h) foi destaque de primeira página no *New York Times*.

*Bom Dia Brasil* — o telejornal local no horário matutino já havia conquistado espaço, e a Rede Globo lançava em 1983 um noticiário em rede

nacional, gerado em Brasília, priorizando os assuntos políticos e econômicos do dia, que entrava no ar logo depois do *Bom Dia Praça Hoje*, o *Bom Dia Brasil* é gerado da cabeça de rede, sede da emissora, no Rio de Janeiro, com blocos ao vivo das praças de São Paulo e Brasília, e o leque dos assuntos em pauta é bem mais amplo, incluindo além do noticiário do dia, colunas especializadas em culinária, defesa do consumidor, turismo.

*TJ Brasil* — em 4 de setembro de 1988 entrava no ar pelo SBT — Sistema Brasileiro de Televisão, a TV do Sílvio Santos — o primeiro noticiário que trazia a figura do âncora — o jornalista que dirige, apresenta e comenta as notícias do jornal, importada dos telejornais americanos. O jornalista Bóris Casoy — veterano da imprensa escrita, sem qualquer experiência em TV — conseguiu em pouco tempo conquistar seu espaço. O tratamento opinativo que imprimiu ao programa representou muitas vezes o sentimento da população. A presença do âncora e a credibilidade do jornal suprimiram a deficiência dos recursos técnicos da emissora, alavancando a programação do SBT até meados de 1997, quando Bóris Casoy e parte de sua equipe se transferiram para a TV Record. O jornalismo do SBT sofreu com isso, e começava lentamente a perder força.

*Aqui e Agora* — em maio de 1991, o SBT criou um programa jornalístico com o objetivo claro e definido de conquistar a audiência das classes C/D/E: sensacionalista, apelativo, recheado de reportagens policiais com ação, aventura, flagrantes, denúncias, violência e tensão. Em duas horas de programa, no horário nobre, antecedendo ao *TJ Brasil*, o SBT atraiu o telespectador com um “show de notícias”, e cresceu em audiência. Mas a fórmula cansou e a emissora se viu obrigada a tirar o programa do ar no final de 1997.

*Jornal da Band* — inaugura uma nova fase sob a liderança do jornalista Paulo Henrique Amorim, que deixou o escritório da Globo em Nova York para exercer os papéis de repórter, apresentador e editor-chefe do jornal da TV Bandeirantes, em São Paulo. Foi em 17 de fevereiro de 1997, com um estilo forte e opinativo, com informações exclusivas e ao vivo que o novo *Jornal da Band* começou a marcar presença na emissora que nos últimos anos vinha dando grande ênfase ao esporte. No dia 12 de janeiro de 1999, Paulo Henrique Amorim apresentou pela última vez o *Jornal da Band*, e se afastou da emissora e do programa de entrevistas *Fogo Cruzado*, que apresentava aos domingos.



## TV POR ASSINATURA: A GLOBO NEWS

Dizem que bons vendedores conseguem façanhas incríveis: vendem terrenos no Everest, geladeiras para esquimós e até lareiras no Caribe! Pois bem, não é que há alguns anos um grupo de vendedores teve uma idéia para aumentar suas vendas, que acabou dando origem a uma das mais lucrativas indústrias do mundo?

Foi assim: nos Estados Unidos, na década de 1950, os vendedores de eletrodomésticos queriam ganhar dinheiro vendendo a grande novidade da época: aparelhos televisores. Mas em algumas pequenas cidades dos estados da Pennsylvania e do Oregon, eles não conseguiam vender. A região é muito montanhosa, e isso impedia que as imagens chegassem com boa qualidade para atrair compradores. Os vendedores, então, instalavam uma antena principal de captação no alto de um morro ou em um ponto mais alto da cidade, e faziam demonstrações em suas lojas: com a antena ligada direto nos televisores, a imagem ficava maravilhosa. As pessoas compravam, mas quando chegavam em casa, sem a antena, a imagem era horrível, cheia de chuviscos. Ai, os vendedores tiveram a idéia genial: começaram a puxar cabos de suas antenas até as casas dos compradores, e passaram a cobrar por esse serviço! Venderam televisão feito água... Era uma espécie de sistema comunitário de distribuição de sinais, que ficou conhecido como CATV — Community Antenna Television System. Era o embrião da TV a cabo. Em pouco tempo, o cabo começou a ser visto como uma boa saída para distribuir os sinais de emissoras em áreas metropolitanas, e não somente para distribuir canais locais como também programas exibidos em cidades maiores, que eram trazidos para cada região já através de pequenas rotas de microondas.

A partir de meados da década de 1970, com o avanço na tecnologia de satélites de comunicação, os sistemas de transmissão, até então regionais, se expandiram rapidamente, incluindo captações de sinais via satélite. Os telespectadores começavam até a receber uma programação especializada em os primeiros canais temáticos, como previsão do tempo, movimento das bolsas, eventos culturais. Ao mesmo tempo que a tecnologia permitia o desenvolvimento na distribuição de sinais, o conteúdo da programação partia para caminhos próprios, peculiares. Era o início da segmentação.

Os sistemas de transmissão de sinais conjugavam duas tecnologias, satélite e cabo; os telespectadores recebiam uma programação especial, e pagavam por isso; ainda podiam receber em casa quantos canais desejassem: entrava na vida dos telespectadores americanos uma nova forma de assistir TV, criada a partir da tecnologia de distribuição, mas que vinha a mudar a história do veículo. Surgia a Pay-TV, a TV por assinatura.

A TV por assinatura (narrowcast) foi crescendo e se tornando um grande negócio a ponto de mexer com a audiência consagrada das grandes redes norte-americanas. No final dos anos 70, as três redes de TV aberta (broadcast) — ABC, NBC e CBS — tinham, em conjunto, 91% de audiência total dos telespectadores. Nos anos 80, com a rápida expansão da TV paga, a audiência das abertas foi abalada, começou a cair, até se estabilizar em pouco menos de 60% de audiência total nas três emissoras.

Na metade da década de 1990, o cabo já alcançava mais de 90% dos domicílios americanos, e cerca de 70% da população possuía TV por assinatura. Em 1998, um dos mais respeitadas institutos de pesquisa de mídia dos Estados Unidos, o Nielsen, atestou que as redes abertas ABC, CBS, NBC e Fox estavam perdendo terreno para os canais fechados não somente no horário nobre (*prime time*), mas também nos horários de fim de noite de secundas a sextas, e no horário diurno de sábados e domingos.

Em outubro de 1998, pela primeira vez a audiência dos canais a cabo considerados básicos (cerca de 200) alcançou um índice histórico, superando a audiência conjunta das quatro grandes redes abertas (*the big four broadcast networks*). Segundo análise do Nielsen, publicada na *Variety Television* em dezembro de 1998: "É uma evidência clara da erosão acumulativa que a TV por assinatura vem provocando na audiência das redes abertas."



Esses dados mostram que a TV por assinatura tem poder para conquistar telespectadores da TV aberta pela sua própria natureza, pelas características de sua programação e pela forma de distribuição. A TV por assinatura atende a interesses específicos do assinante, tem o conteúdo dirigido, trabalha a programação em um formato menos agressivo do que a TV aberta e oferece melhor qualidade de imagem por causa dos sistemas de distribuição dos sinais: cabos especiais (coaxiais ou fibra ótica), microondas e satélite.

Na Pay-TV o telespectador é um consumidor, pois paga pela programação que quer ver e é valorizado por isso, ao contrário da TV aberta, em que o telespectador é passivo e faz parte de uma audiência como um todo. Na TV paga, o negócio é a segmentação para agradar o assinante.

As redes de canais por assinatura foram se aprimorando para se tornarem serviços segmentados de excelência para o assinante. A história da CNN — a primeira rede a cabo de notícias 24 horas do mundo — mostra isso...

## A CNN

Em 1970, Ted Turner, um jovem publicitário de 32 anos, comprou uma pequena estação local de televisão da cidade de Atlanta, na Geórgia, sul dos Estados Unidos. Investiu nela tudo que tinha. Seis anos depois, alugou um transponder em um satélite de comunicação e passou a transmitir o sinal de sua estação por cabo e satélite para todo o país.

Em junho de 1980, apostou no telejornalismo: lançou, para seus assinantes, a primeira rede a cabo de notícias, 24 horas, sete dias por semana, 365 dias por ano, do mundo: a Cable News Network — CNN. Um serviço de informação, uma emissora de TV especializada em jornalismo. O negócio deu certo, e em dois anos ele criou a *Headline News*, mais uma rede de jornalismo 24 horas para os norte-americanos.

Foi segmentando a transmissão de seus canais que Turner fez seu império crescer com novas redes no setor de entretenimento (filmes, esportes). Em setembro de 1985 a TBS — Turner Broadcasting System — lançou ainda mais: lançou a CNNI — Cable News Network International —, emissora programada para cobrir o noticiário internacional e conquistar assinantes em todas as partes do mundo.

A CNNI começou com transmissão 24 horas para o continente europeu, espalhando-se depois pela Ásia, e uma das estratégias para torná-la conhecida foi a instalação em grandes hotéis de executivos. Hoje tem 21 escritórios pelo mundo, além de 9 nos Estados Unidos e 600 estações afiliadas — 400 domésticas e 200 internacionais. Transmite informações para mais de 120 milhões de residências em 210 países, juntamente com a programação oferecida pela CNN, através de uma rede de 15 satélites.

A primeira cobertura marcante da CNN foi em janeiro de 1986, quando explodiu o ônibus espacial Challenger, matando sete astronautas um minuto e pouco depois do seu lançamento. Era o único canal de TV presente na base da Flórida: suas imagens percorreram o mundo. Nos anos seguintes, uma sucessão de coberturas ao vivo e imagens exclusivas a tornaram conhecida. Em janeiro de 1991, a CNN conquistou seu maior prestígio: no dia 17, foi a única emissora a transmitir ao vivo, via satélite, com narração de um repórter, o primeiro bombardeio norte-americano a Bagdá, no Iraque. Depois, continuou mostrando ao vivo outros ataques durante a Guerra do Golfo Pérsico. As imagens exclusivas foram retransmitidas para todas as emissoras de TV do mundo, inclusive do Brasil.

Quem queria informações sobre a Guerra do Golfo ficou sabendo que a CNN — uma TV por assinatura — estava fazendo a melhor cobertura e prestando um serviço de excelência de jornalismo internacional. Então, esse é o conceito básico da TV por assinatura, a Pay-TV: quem paga por uma emissora especializada espera ter o melhor serviço em sua casa. Segmentação é a palavra-chave.

## No Brasil

A escolha da programação que se quer ver mesmo que pagando por isso chegou com algum atraso ao Brasil em relação a outros países. Mais de dez anos depois da Argentina, e bem depois do Chile, Colômbia e Bolívia. Mas esse atraso talvez tenha proporcionado um impulso fundamental para o desenvolvimento desse mercado no país. Como já era reconhecido um bom negócio, principalmente nos Estados Unidos, os dois maiores grupos de comunicação do país, o Grupo Abril e as Organizações Globo se interessaram em implantar a TV por assinatura aqui.

No final da década de 1980, os primeiros projetos começaram a sair do papel. Nessa época existiam quase trezentas redes por assinatura



nos Estados Unidos, e o público podia optar por canais já extremamente segmentados, como The Silent Network, para surdos, ou Black Television, para negros.

Uma das primeiras experiências aqui, em 1988, foi a da Key TV, que transmite corridas de cavalos via satélite para alguns assinantes e para os Jockey Clubs de São Paulo e do Rio, que retransmitem por cabo a 200 casas de apostas. Mas foi o Canal + (Canal Plus), criado pelo empresário Mathias Machine, em São Paulo, que marcou, em março de 1989, a estreia da TV por assinatura no Brasil.

Chamado de Supercanal ou Superstation, oferecia uma programação composta pela ESPN, canal americano de esporte; pela CNN, canal americano de notícias; pela RAI, canal italiano de variedades; e pela MTV, canal americano de música pop. Um ano depois, o Canal + começava a operar no Rio de Janeiro. Então o Grupo Abril comprou a emissora, que passou a se chamar TVA — TV Abril, reformulou e incrementou sua programação e começou a distribuir e vender dois pacotes de canais por assinatura. A TVA funcionava como uma distribuidora de canais estrangeiros, e transmitia seu sinal pelo sistema de microondas, MMDS — Multichannel Multipoint Distribution Service.

Em 10 de novembro de 1991, surgiu a GloboSat, programadora e operadora das Organizações Globo, em São Paulo e no Rio de Janeiro. No mesmo tempo em que programava os seus canais, distribuía, instalava e vendia. Uma das novidades da GloboSat era que seu sinal era recebido diretamente do satélite Brasilsat II, através de grandes antenas parabólicas, instaladas em prédios ou condomínios, que já captavam o sinal das redes abertas e garantiam excelente qualidade de som e imagem. Naquela época já havia um milhão e meio de parabólicas instaladas no Brasil.

Mas, diferentemente da TVA, a GloboSat optou por programar seus canais (dar conteúdo diferenciado a eles) e não somente ser uma distribuidora de canais estrangeiros. Na época do lançamento, eram 4 canais: Telecine, com exibição de filmes 24 horas por dia, sem intervalos comerciais; CNT — Globosat News Television, com 18 horas no ar, com uma grade que mesclava noticiários da CNN e documentários sobre ênfia, saúde, medicina, turismo e cultura, comprados de emissoras estrangeiras; Multishow, com programas de variedades, como shows musicais, óperas, balés, teatros em 18 horas no ar; e Top Sport, que apresentava os melhores e mais importantes eventos esportivos produzi-

dos pelas TVs de todo o mundo — em 1º de janeiro de 1994, o canal mudou o nome para Sport.

Em pouco tempo, tanto a TVA quanto a GloboSat foram transformando suas atividades diante do crescimento do mercado. Hoje, a TVA atua através de várias empresas específicas como distribuidora, programadora, de transmissão via satélite pela banda C (Digitel), transmissão via satélite pela banda Ku (DirectTV). Oferece dezenas de canais, entre eles alguns exclusivos, como HBO, Eurochannel, Bravo, ESPN Brasil e CMT entre outros, e possui 800 mil assinantes, em números de dezembro de 1998.

Em 1993, a GloboSat, até então programadora e operadora, foi desmembrada e passou a concentrar suas atividades somente na programação (conteúdo) dos canais. É hoje responsável pela produção de 14 canais, entre eles o Canal Brasil (filmes brasileiros), e o Futura (educação). O Telecine, que é uma associação da GloboSat com os maiores estúdios de Hollywood (Fox, Paramount, MGM, e Universal e a produtora DreamWorks), se dividiu em 5 canais temáticos de cinema. A distribuição dos canais ficou sob a responsabilidade de uma nova empresa, a NETBrasil, que se uniu a vários pequenos grupos e começou a instalar cabos pelas principais capitais, impulsionando mais ainda o mercado. A operação via satélite ficou com a NetSat. A distribuição via satélite na banda Ku — áudio e vídeo digitais com parabólicas de 60cm de diâmetro — ficou com a SKY. A NET tem 1 milhão e 600 mil assinantes, em dados de dezembro 1998.

Mesmo chegando com atraso em um país considerado desenvolvido quando o assunto é televisão, a TV por assinatura provocou uma mudança no comportamento de uma determinada faixa de público. Ao longo desses últimos anos, as opções se ampliaram e oferecem a liberdade de escolher, sem restrições, o que realmente se quer ver na TV.

## A Globo News

A vida real em tempo real...

O primeiro canal brasileiro de jornalismo 24 horas entrou no ar no dia 15 de outubro de 1996, uma terça-feira, às oito e meia da noite, com um programa especial que mostrava as principais atrações do canal.



"Eu passei o dia inteiro com um fro na barriga. Nós fizemos muitos pilotos e durante quase um mês estávamos no ar em circuito interno, mas tinha chegado o dia da estreia. E toda a equipe estava na maior expectativa."

Tínhamos discutido exaustivamente o formato do *Em Cima da Hora*, o jornal que entrara no ar a cada hora cheia, com 25 minutos de notícias do Brasil e do mundo, sempre ao vivo. A ideia era aproveitar grande parte das matérias dos repórteres da Rede Globo — praças, afiliadas e escritórios do exterior, porque só tínhamos produções nossas no Rio, em Brasília e em São Paulo.

Mas as dúvidas eram tantas... Será que ia dar certo, um jornal a cada meia hora, será que tínhamos notícias para tanto, será que tínhamos fôlego?"

O *Em Cima da Hora* é uma espécie de *jornal em cascata*: um espelho é feito para o jornal das sete da manhã, e ao longo do dia ele se transtorna, com a inclusão de novas reportagens e a atualização dos assuntos do Brasil e do mundo. São 22 edições a cada 24 horas. Na escalada, as manchetes das notícias mais quentes e os indicadores financeiros e econômicos. A cada jornal, os temas principais do dia são ampliados, aprofundados e comentados de forma que o assinante receba sempre uma informação a mais, com vários enfoques e visões diferenciadas. Algumas reportagens são reapresentadas propositalmente em todos os jornais, para que o assinante que estiver ligando a televisão naquele momento possa receber um jornal completo, de política e economia a internacional e esportes. É assim que funcionam as TVs por assinatura de notícias em todo o mundo.

Durante a madrugada, de 1:00h às 6:00h, o *Em Cima da Hora* é um boletim de 5 minutos, ao vivo, sempre na hora cheia, com o resumo das principais notícias, as manchetes do dia seguinte e informações novas que chegam nas agências internacionais. As 7:00h... tudo recomeça!

O *Jornal das Dez* é o *Jornal Nacional* da Globo News. Com uma hora de produção, além de noticiar, comenta, explica e aprofunda os assuntos principais através de entrevistas e debates; é ancorado do Rio de Janeiro, com estúdios em Brasília e São Paulo, e é o único jornal da televisão brasileira que vai ao ar de segunda a segunda — todos os dias da semana.

"Naquela terça-feira, estávamos eufóricos, mas também temerosos com a ousadia... A minha experiência era da TV aberta, onde a

notícia tem horário e tempo definidos nos telejornais que fazem parte da programação diária das emissoras. Agora, eu participava de um projeto novo, diferente, talvez o sonho de todo jornalista: um canal onde a notícia tem prioridade absoluta, está acima de tudo.

Na pequena redação-cenário, toda a equipe trabalhava junto, trocávamos ideias, sugestões, opiniões. Muitos estavam em uma redação pela primeira vez na vida.

Faltavam poucos minutos para a estreia, e o programa especial ainda não estava pronto, estava sendo editado em uma das filhas de edição. Mas televisão é, e sempre será, trabalho em equipe, e como muitas vezes acontece no dia-a-dia, o esforço de todos, a correria, a cumplicidade acabam dando resultado. Foi assim, muita adrenalina, muita emoção, a estreia da Globo News na hora prevista.

Um susto, e ao mesmo tempo a experiência de estar vivendo um pedaço da história da televisão brasileira. Não sabíamos aonde poderíamos chegar, daquele momento em diante..."

A primeira edição do *Em Cima da Hora* entrou no ar às nove em ponto, e o assinante começava a receber um canal brasileiro de jornalismo, onde a notícia, o fato, o acontecimento está acima de tudo, e tem força para interromper e mudar a grade de programação normal a qualquer instante, em *Extra News*. As informações econômicas o assinante encontra em duas edições ao vivo do *Corta Corrente*, e o que acontece no Brasil mas nem sempre é assunto para as grandes manchetes dos jornais está no *Via Brasil*.

"No começo, éramos 150 jornalistas, uma equipe pequena formada por velhos e novos profissionais, novos mesmo, uma moçada que tinha acabado de sair da universidade. E nós brincávamos: esta é uma redação de olds e news... Uma química que não sabíamos se ia dar certo, mas ainda nos primeiros meses vimos que se faltava experiência àqueles jovens sobravam garra, determinação e vontade de aprender. Alguns cresceram e são, de fato, futuros talentos do telejornalismo. A experiência que eles estão vivendo na Globo News poucos profissionais tiveram no começo da carreira..."

Logo dezesseis dias depois da estreia, o grande teste: em 30 de outubro de 1996, quando o Fokker da TAM caiu nas proximidades do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, a programação normal foi aban-



denada, pela primeira vez, e se transformou em uma transmissão direta sobre o acidente. Todos os recursos da Central Globo de Jornalismo, da qual a Globo News é uma divisão, foram usados, como o acervo do Centro de Documentação, Cedoc. Os repórteres da TV Globo de São Paulo compartilhavam com a Globo News suas entradas ao vivo, informando e atualizando a notícia o tempo inteiro. Na tentativa de explicar a tragédia que comovia o Brasil naquele momento, o telefone foi a saída, e pilotos, peritos em aviação e sobreviventes de outros acidentes aéreos conversaram com os apresentadores, ao vivo, em vários momentos da cobertura.

“Eu me lembro muito bem, foi um dia exaustivo e tivemos problemas, fudeu no ar, matérias que entraram errado, telefonemas sem som, e diante do enorme desafio, percebemos os erros e o quanto ainda tínhamos a aprender em coberturas como aquela.”

O telefone é fundamental na Globo News. É através dele que chegam as informações mais quentes, mais recentes, os furos e as notícias em primeira mão de várias partes do Brasil e do mundo. Uma rede de correspondentes brasileiros dos mais remotos lugares entra ao vivo pelo telefone assim que algum fato acontece, onde eles moram. Em abril de 1997, quando um homem-bomba invadiu um restaurante na hora do almoço, na rua principal de Jerusalém, causando uma terrível explosão com mortos e feridos, a jornalista Guila Flint, que mora em Tel Aviv, deu a informação pelo telefone à Globo News antes mesmo da CNN ou de outra emissora brasileira. A rapidez, a agilidade, o compromisso com a notícia foram se incorporando à rotina da Globo News.

“O telefone tocou às cinco e meia da manhã, naquele domingo, 31 de agosto. Eu acordei assustada com a voz da Alice-Maria: a princesa Diana morreu! Precisamos de rendição.”

Eu não sabia o que tinha acontecido até aquela hora, era meu final de semana de folga e nem havia ligado a TV. Mas logo estava na Globo News. Uma nova equipe começava a chegar nas primeiras horas da manhã e organizamos a cobertura do day-after da morte de Diana.”

Segundo um relatório da Alice, a Globo News deu a notícia do acidente com a princesa Diana no *Em Cima da Hora* das 21h de sábado, 30 de agosto de 1997. O texto dizia que a princesa havia sofrido um aci-

dente de carro em Paris e que uma pessoa tinha morrido. Essa informação a Globo News colocou no ar antes da Rede Manchete e da Rede Globo. Ainda não se sabiam detalhes do acidente, e que o namorado dela já estava morto.

Dai em diante, a Globo News deu vários *Extra News* repetindo a notícia e acrescentando novas informações. Até que à meia-noite e quarenta e sete minutos a Globo News e a Rede Globo anunciaram, ao mesmo tempo, a morte da princesa.

A programação normal foi cancelada para transmitir o tempo todo, ao vivo, com imagens das agências internacionais, os noticiários sobre a tragédia. Os editores faziam matérias sobre a vida da princesa, sobre outros acidentes, tragédias semelhantes, sobre as repercussões no mundo, a tristeza dos britânicos, os detalhes do acidente, o começo das investigações, enfim uma série de matérias para compor os jornais. Novas informações e novas imagens chegavam a todo instante pelas agências de notícias, e imediatamente eram colocadas no ar. O objetivo era manter o assinante bem informado sobre tudo que estava acontecendo em relação à morte de Diana, durante toda a madrugada.

A equipe que tinha entrado no plantão no sábado às três da tarde saiu da *Globo News* às sete da manhã do dia seguinte, e ainda teve muita gente que foi para a redação de madrugada para ajudar na cobertura.

“Naquele domingo, mantivemos o noticiário intenso sobre o acidente, sempre buscando nas agências e nos correspondentes novas informações.”

Às nove da manhã, colocamos no ar, pelo telefone, direto de Paris, o médico brasileiro Leonardo Esteves de Lima, que havia atendido a princesa no Hospital La Pitié Salpêtrière. Nossos apresentadores o entrevistaram durante quase meia hora, e ele explicou em detalhes as tentativas para salvar Diana, e como foram os últimos momentos dela.

Assim que o telefonema terminou, saiu do ar, percebemos que havíamos dado um furo: jornalistas e repórteres de várias redações do Brasil ligavam para a nossa redação, atrás do telefone do médico. Descobrimos que a imprensa estava acompanhando as notícias sobre a morte de Diana pela *Globo News*...

A equipe inteira estava exausta, tinha sido um final de semana de muito trabalho, muita tensão, correria, emoção. Mas a nossa sensação era de que algo maior começava a acontecer.”



A Globo News havia se tornado uma referência nas redações dos jornais, rádios, revistas e outras televisões, se consolidava como um canal de notícias, conquistava os assinantes com um jornalismo ágil, confiável, de credibilidade. Inspirada na CNN quando foi criada, a Globo News já mostrava um jeito brasileiro de fazer jornalismo e começava a marcar presença no leque das TVs por assinatura.

Desde o primeiro instante, o compromisso com a informação sempre esteve acima de tudo, dos poucos recursos, da inexperience da parte da equipe, das falhas e problemas técnicos, das surpresas das manhãs, tardes, noites e madrugadas e até mesmo da rotina estressante de uma redação que funciona 24 horas.

As transmissões ao vivo de acontecimentos no Brasil e no mundo passaram a ser um dos maiores trunfos da Globo News. Desde o final de 1997, nenhum acontecimento de grande repercussão deixou de ser transmitido ou de ter uma intensa cobertura jornalística. Todos os grandes fatos internacionais foram mostrados com destaque na programação, com imagens geradas pelas agências internacionais de notícias, Reuters, APTV e mesmo CNN.

“Ao meio dia do sábado, 19 de dezembro de 98, bem no começo de mais um plantão de Natal, entramos no ar, ao vivo, com a votação do impeachment do presidente Clinton, no Congresso americano. Eram imagens das agências internacionais com tradução simultânea da Maria Beltrão, uma das nossas jovens apresentadoras.

Mas interrompíamos a votação para mostrar imagens também ao vivo do quarto dia de ataque dos aliados, Estados Unidos e Inglaterra, ao Iraque. Foram quase cinco horas de tensão total no switcher. Quando a votação terminou, relaxamos. Mas logo voltamos a transmitir ao vivo o pronunciamento de Clinton nos jardins da Casa Branca. Dessa vez, o Eduardo Grillo traduziu o presidente!! E ainda nesse sábado, um pouco mais tarde, o Grillo traduziu outra fala do Clinton, dessa vez anunciando o fim dos ataques a Bagdá!”

A notícia em primeira mão, o improviso, o furor, a repercussão, as entrevistas, o áudio-lape, a temperatura no Brasil e no mundo, os indicadores financeiros, a troca de informações com os repórteres da Globo, o compartilhamento de equipamentos, a rede de correspondentes, s depoimentos exclusivos, os jornais ao vivo se alternando a cada meia hora com programas de entrevistas sobre economia, política, compor-

tamento, literatura, reportagens sobre o Brasil, ou as mudanças na programação em função da notícia. Uma evolução constante em um projeto de novas experiências, aberto a todas as possibilidades.

“O que parecia uma santa sexta-feira acabou virando uma sexta-feira infernal...”

“Socorro, que dia!!! Foi um belo programa, só Deus sabe como...”

Assim, dois dos seis editores-chefes da Globo News começaram seus relatos no Painel — uma “gaveta” do sistema de informatização onde eles avallam diariamente os seus jornais — sobre a cobertura dos acontecimentos da sexta-feira, 15 de janeiro de 1999. Logo às dez da manhã, o Banco Central decidiu liberar a banda cambial. Foi um susto e a seguir uma correria para mostrar as repercussões em São Paulo, Rio e Brasília, nas bolsas européias, e explicar, analisar, comentar o que estava acontecendo na economia no Brasil e no mundo. Toda a equipe se envolveu, superou as dificuldades, e o assinante que procurou a Globo News recebeu informação durante o dia inteiro.

Em dois anos, a Globo News já havia descoberto o caminho que buscava naquela histórica terça-feira, 15 de outubro. Os comentários, as análises, os debates e o aprofundamento dos assuntos se tornaram a tônica do Canal. As grandes personalidades da vida política e econômica do país participam dos temas pontuais da vida brasileira no *Jornal das Dez* e no *Espaço Aberto* (o talk-show apresentado desde o início do Canal pelos melhores jornalistas da Rede Globo, a cada dia da semana, sobre temas específicos e variados).

A Globo News cativou o telespectador, e em março de 1999 se tornou o terceiro canal de audiência na base de assinantes da Net, superado apenas pelo Telecine e Sportv — filmes e esportes, dois temas que tradicionalmente representam os mais altos índices de audiência na TV por assinatura em todo o mundo.

“A nossa história é de sucesso, mas é também de aprendizado, a cada dia e todos os dias. Estamos sempre em coberturas especiais, de política, esporte, economia, internacional, cidade, Brasil, mundo! Tudo que é notícia acaba caindo na nossa pauta. E lá vamos nós, para mais uma transmissão ao vivo. Queremos dar a notícia sempre na frente, em primeiro lugar, e não medimos esforços para isso.”



## NOVAS TECNOLOGIAS: A HDTV

Agora, solte a imaginação. As coisas estão acontecendo, e ainda levam um tempo para chegar em definitivo aqui no Brasil. Mas mesmo assim, vamos lá: você está em casa, sentado no sofá... O seu novo aparelho de tevê tem uma tela plana, bem mais larga do que alta, e emite um som incrível, aquele mesmo que você ouve quando liga um CD player.

Esta começando um sensacional jogo de futebol, uma grande final da Copa do Mundo: você ouve com perfeição o grito da torcida; consegue perceber a fisionomia do jogador em campo quando ele perde o rolê; lê com nitidez o nome dele impresso na camisa; vê com clareza as cores das roupas dos torcedores sentados no lado oposto do estádio de onde está a câmera captando aquela imagem; e ainda, com um clique no seu mouse (ops!), controle remoto, pode optar por assistir ao jogo inteiro no mesmo ângulo que um dos goleiros. Quer congelar uma imagem? Rever uma jogada? Gravar alguns lances para assistir com mais calma, depois de tudo terminado? Vá em frente, vá programando e clicando...

Dagui a alguns anos vamos olhar para trás sem reconhecer a TV atual. Ela está passando por uma revolução tecnológica, e tudo vai mudar. Na verdade, o que está acontecendo é que a televisão está entrando na era da tecnologia digital e isso significa que todas as possibilidades que nossa imaginação puder criar são viáveis, desde que os especialistas em telecomunicações e informática continuem na acirrada competição saudável em busca da Digital Television, a DTV, a televisão digital. Nesse bem próximo futuro digital existem mais de 30 sistemas de televisão em processo de pesquisa. Entre eles, o que atrai a todos por ser o mais revolucionário: a HDTV.

Há quase 20 anos, técnicos das principais empresas japonesas, europeias e americanas trabalham sem descanso no desenvolvimento do sistema de televisão que tem como principal característica imagem e som tão nítidos quanto os dos filmes de 35mm — o cinema das grandes telas transplantado para aparelhos de televisão. A HDTV — High Definition Television — ou televisão de alta definição é considerada a maior revolução na tecnologia da televisão desde o aparecimento da TV em cores.

A TV de alta definição oferece imagens mais amplas, maiores detalhes, contraste e definição igual à imagem do cinema. Comparada com um padrão de televisão do tipo NTSC, a imagem da HDTV tem uma definição de luminosidade vertical e horizontal muito superior. A relação entre largura e altura da TV convencional é de 4 por 3 (quatro unidades de largura para três unidades de altura), e essa mesma relação na TV de alta definição é de 16 por 9, o que a torna muito mais próxima da relação largura/altura oferecida pelas telas de cinema.

Mas a maior diferença, e o grande apelo da HDTV, é sem dúvida a definição da imagem que transmite. A imagem da HDTV é composta de 1.080 a 1.125 linhas de resolução, enquanto a imagem da TV convencional possui 525 ou 625 linhas. A tela da televisão atual produz uma baixa definição da imagem. Essa definição é medida pela quantidade de pontos luminosos que formam a imagem: quanto mais, melhor qualidade (resolução) da imagem.

No Brasil, o sistema PAL-M, que possui 525 linhas, oferece ao telespectador uma resolução de 150 mil pixels ou elementos de imagem, enquanto a HDTV, com 1.125 linhas, chega a uma resolução de 2 milhões, 73 mil e 600 pixels. E ainda com a tela mais larga do que uma televisão comum, a imagem é muito mais nítida, livre de chuveiros e fantasmas, com mais contraste e riqueza de detalhes.

A imagem da TV de alta definição contém cinco vezes mais informação que a imagem da TV convencional e traz múltiplos canais de áudio, com a qualidade de som de um compact disc — limpo, claro, perfeito. Além disso, também considerada uma característica revolucionária, a HDTV tem a possibilidade inesgotável de utilizar recursos da informática, o que facilita a programação de canais e a interligação com computador, videocassete, aparelhos de som, fax, telefone etc. Enfim, com a HDTV teremos o aparelho doméstico que muitos sonharam ter um dia ao assistir a um dos desenhos animados de ficção mais populares da década de 1960, *Os Jetsons!*



Mas, existem problemas: nem os televisores nem os equipamentos de produção e transmissão em uso atualmente nas emissoras de TV são adaptáveis a DTV — televisão digital — pois ela usa o sistema de transmissão digital, diferente do analógico que estamos usando.

## As diferenças

Vamos conhecer algumas diferenças entre esses sistemas de transmissão para entender melhor toda essa fascinante revolução que estamos acompanhando.

A tecnologia digital gera e processa informações digitalizadas (dados), ou seja, transforma os sinais de áudio e vídeo para um formato semelhante aos *bits* de um computador, e já é usada nos satélites e fibra ótica.

A tecnologia analógica converte intensidade luminosa em sinais eletrônicos que variam no tempo e na frequência, gerando sinais de amplitudes variadas que trafegam em uma frequência (banda) específica. As emissoras de TV e os telefones tradicionais usam a tecnologia analógica. Os telefones celulares que começam a chegar às nossas mãos já usam a tecnologia digital.

Atualmente, qualquer frequência (banda) só pode ser ocupada pela programação de um único canal de TV. No sistema digital, essa mesma banda poderá ser usada por programações de vários canais: o segredo está na compressão dos sinais que serão transformados em dados digitalizados ou bits. Isso vai permitir que vários canais trafeguem a uma programação na mesma banda onde anteriormente, no sistema analógico, só trafegava um canal. A vantagem é a maior utilização da banda.

Outra diferença: no sistema analógico, só se recebe um sinal com a qualidade se não houver obstáculos entre a torre retransmissora e a antena do televisor. Caso contrário, o sinal chega com chuviscos, ruídos, fantasmas... No sistema digital não importa se existem ou não obstáculos entre a transmissão e a recepção. Digitalizados, os sinais de áudio vídeo vão trafegar por vários meios de transmissão — satélite ou cabo — sem sofrer qualquer degradação. O ponto a favor é que os sinais vão chegar à casa do telespectador com a mesma qualidade que saíram do estúdio onde foram gerados.

Mais uma diferença: a implantação do sistema digital de televisão requer uma mudança total em todo o equipamento — seja das emissoras, seja dos receptores (os telespectadores). Isso significa um investimento de centenas de milhões de dólares na conversão para a nova tecnologia. Isso envolve novos estúdios, novas câmeras, novos videotapes, novos switchers, novos transmissores e até mesmo novas torres de transmissão por parte das emissoras, produtoras, enfim, de quem estará emitindo a programação.

Do outro lado, do lado de quem recebe a programação, o custo também será alto. Em um primeiro momento, o televisor convencional, analógico, poderá ter um adaptador para converter os sinais. Mas para se obter a imagem fiel do sistema digital, somente com televisores próprios para o sistema digital. Ou seja, novos aparelhos.

Existem hoje em todo o mundo quase 750 milhões de televisores analógicos. A China tem 290 milhões de domicílios com aparelhos de TV. Os Estados Unidos, 98 milhões. A Rússia, 56 milhões. O Japão, 44 milhões. Logo depois, vem o Brasil — com 37 milhões. Um mercado atraente e por causa disso, ao lado da corrida tecnológica acontece a corrida dos negócios: as indústrias de telecomunicações se movimentam, se unem, investem em uma competição sem precedentes na história da TV. Muito provavelmente, em duas décadas esses mais de setecentos milhões de televisores estarão obsoletos. Todo mundo usará televisores digitais.

É preciso lembrar mais uma vez que televisão digital — a DTV — engloba todas as etapas de um processo — produção, compactação, transmissão e recepção final. A HDTV — a televisão de alta definição — é um dos sistemas de transmissão dentro desse processo. Existem outros sistemas, como por exemplo a SDTV — standard digital television —, um sistema básico, que transmite o sinal digital mas não possui todas as características da alta definição.

## Uma nova filosofia

Tem mais, e talvez o mais surpreendente: a HDTV vai mexer com a forma de se fazer televisão. Aí sim, começa também uma revolução para nós, jornalistas — e todos que trabalham em televisão, tanto no conteúdo quando nos formatos da programação.



Os técnicos e pesquisadores já afirmam que a linguagem da televisão terá que ser totalmente reformulada. Tudo que se fez até hoje terá que ser revisito. Os padrões de enquadramento, cor, iluminação, ângulos, captação de áudio, produção de cenários, transmissão de eventos vão ter de ser adaptados ao sistema de alta definição. Será uma filosofia, uma concepção do fazer televisivo completamente diferente da que se tem hoje em dia. A produção de novelas, jornais, programas de auditório, eventos esportivos como futebol terá que começar do zero, experimentando soluções até que se encontrem formatos próprios para a HDTV.

E, sem contar que quando a HDTV estiver linkada à Internet, aí então... tudo pode acontecer. O telespectador vai escolher o que quer ver da programação de cada emissora, vai criar a sua própria programação, arquivar os programas que quiser, e assistir na tela do seu computador em sua mesa de trabalho, na hora que quiser. Utilizando programas específicos, softwares, poderá, por exemplo, escolher qual o lance do jogo de futebol que quer ver no esquema do tira-teima. Pois é, não será mais a produção da emissora que escolherá o lance duvidoso para ver de novo, será o telespectador. Simples, rápido, como se faz atualmente o *download* de um site, você estará atuando também como produtorador de TV.

### Como tudo começou

O Japão já investiu pelo menos um bilhão de dólares em pesquisas e projetos de HDTV. Em 1964, pesquisadores japoneses do Laboratório de Ciência e Tecnologia da NHK — Nippon Hoso Kyokai, a emissora estatal do Japão, fundada em 1925 — ao lado de técnicos das empresas aponesas de televisores, como a Sony, perceberam que deveriam começar a estudar a evolução da televisão. E partiram em busca da televisão que se parecia com o cinema, pesquisando para melhorar a qualidade no sistema analógico. Criaram a HI-Vision, no início da década de 1970.

Os europeus também começaram a desenvolver um sistema próprio de alta definição, a partir do analógico, que chamaram de HD-Mac — high definition multiplexed analogue components, criado por um consórcio de empresas europeias denominado Eureka.

Os americanos teriam saído um pouco atrás nessa busca, chegaram a se associar aos japoneses, mas logo concluíram que o caminho da alta

definição não seria a partir do sistema analógico. A alta definição da imagem só aconteceria se os recursos da eletrônica e da informática (compressão/digitalização) fossem acoplados à transmissão e recepção do sistema de TV.

Foi então que surgiu o princípio definitivo de uma tecnologia digital, mostrando que a TV poderia estar muito mais associada aos bits de um computador do que se pensava para alcançar de vez a qualidade do cinema, tão desejada.

Em 1985, as primeiras transmissões experimentais de alta definição foram feitas pela NHK na Exposição de Ciências de Tsukuba, no Japão. No início de 1988, imagens em alta definição eram transmitidas do Japão para a Austrália, durante a EXPO 88, utilizando o formato MUSE — multiple subnyquist encoding — para compressão de sinais. E em setembro desse mesmo ano, a rede japonesa transmitiu jogos das Olimpíadas de Seul para 81 pontos diferentes do Japão. Em 1º de abril de 1989, a NHK começou transmissões experimentais diárias e hoje coloca no ar cerca de 16 horas de produções exclusivamente realizadas no sistema de alta definição.

No final da década de 1980, os europeus chegaram ao formato de transmissão que denominaram DVB — digital video broadcasting. Durante a Copa do Mundo da Itália, em 90, vários testes foram feitos: a RAI — televisão estatal italiana — transmitiu ao vivo 16 jogos no sistema de alta definição. Dois anos depois, as Olimpíadas de Barcelona se transformaram no primeiro evento internacional a ser coberto em HDTV para outros países, inclusive para o Japão. Atualmente, na Europa várias emissoras — ligadas à Comunidade Européia — já estão com transmissões periódicas em alta definição.

Nos Estados Unidos, a Federal Communications Commission — FCC, órgão do governo responsável pela fiscalização e regulamentação das telecomunicações — vem criando normas desde 1987 para a implantação do formato de alta definição. Muitas empresas tentaram criar padrões atendendo às requisições da FCC. Mas depois de muita polêmica, um consórcio de empresários, fabricantes de equipamentos, e outros setores comerciais envolvidos na tecnologia digital conseguiram propor o padrão ATSC — Advanced Television System Committee, aproveitando as melhores características de cada concorrente.

A FCC cedeu a algumas emissoras canais paralelos para transmissões experimentais com o sistema digital, sem deixar de transmitir sua programação em sistema analógico. No final de 1998, 41 emissoras ame-



ncinas começaram a transmitir em alta definição os eventos esportivos e filmes. Nos Estados Unidos, até 2006, todas as emissoras que trabalham no sistema convencional — analógico — devem migrar para o sistema digital.

## No Brasil

Ainda não há previsão para a mudança definitiva de sistema, mas os testes já começaram.

A Anatel — Agência Nacional de Telecomunicações — ainda não formalizou uma legislação nacional e discute com representantes das emissoras a forma e o período para ceder a elas um novo canal, para testes de transmissão digital simultânea à analógica. O padrão do sistema a ser adotado tende para o americano ATSC. Um grupo de trabalho, ligado ao Ministério das Comunicações, composto por engenheiros da ABERT/SET — Associação Brasileira de Rádio e Televisão/Sociedade de Engenharia de Televisão —, está acompanhando o desenvolvimento da tecnologia de transmissão digital em todo o mundo e os passos que estão sendo dados para a transição dos sistemas.

A Rede Globo e a Rede Record disputam o mérito de terem feito a primeira transmissão experimental de HDTV no Brasil, em junho de 1998, com a diferença de algumas horas. De qualquer forma, são as pioneiras de mais um momento histórico da TV brasileira.

A Record realizou uma grande festa no Memorial da América Latina, em São Paulo, no dia 6 de junho, um sábado, e transmitiu de sua torre localizada no bairro da Barra Funda um vídeo totalmente produzido no sistema digital: desde a captação das imagens, a edição e a transmissão, para os convidados da festa. Foi uma transmissão em circuito fechado, para um público exclusivo.

Mas foi a Globo que no domingo, 7 de junho de 1998, fez, em circuito aberto para milhares de telespectadores, a primeira transmissão digital intercontinental ao vivo.

O jornalista Pedro Bial apresentou o *Fantástico* em Paris, na França, poucos dias antes do início da Copa do Mundo, gerado diretamente do International Broadcast Center, o IBC, em HDTV, alta definição. Todos os que assistiram em casa perceberam apenas a diferença entre o formato 4x3 (do sistema analógico) para o 16x9 (do digital) — mais largo do que o convencional. Somente os freqüentadores de um shopping

center de São Paulo, onde estavam colocados aparelhos televisores digitais, puderam ver as diferenças do sinal digital: a nitidez da imagem, sem ruído ou fantasma, a luminosidade, a clareza de detalhes e o som similar ao compact disc. A Rede Globo tem também o mérito da assiduidade das transmissões experimentais. Ainda durante a Copa, realizou várias transmissões em HDTV, e em cada grande evento, como Carnaval, novos testes são feitos.

Deve-se destacar que a cada transmissão experimental, não importa de qual emissora, obstáculos e desafios são transpostos e chegamos mais perto do que já é considerado definitivo: a implantação do sistema digital de alta definição no Brasil.